
MEDUSA E A QUESTÃO DE GÊNERO OU A PUNIÇÃO POR SER MULHER

Márcia Regina Konrad (PUC/CEUCLAR/FAFE)¹

Resumo

A questão de gênero não é matéria nova, muito ao contrário. Há tempos, discute-se sobre essa temática e, mais recentemente, sobre o empoderamento feminino, sua legitimação e suas consequências. A hierarquia social ocidental, na qual a mulher exerce, geralmente, papel secundário enquanto agente social, deve ser questionada e gerar reflexão à luz de críticas que desconstruam o *status quo* vigente e reestruturem a sociedade em sua multiplicidade, considerando não apenas a perspectiva de gênero, mas também a cultura, a etnia, a religiosidade, dentre tantas outras instituições sociais. Nesse contexto, aborda-se, neste artigo, o mito grego de Medusa, a sacerdotisa punida por um crime horrendo, que pagou com seu sangue o pecado de ser mulher.

Palavras-chave: Medusa. Gênero. Mulher. Empoderamento feminino. Estereótipo.

Abstract

The issue of gender is not new, quite the reverse. For a long time, this issue has been discussed and, more recently, about women's empowerment, its legitimacy and its consequences. The Western social hierarchy, in which women generally play a secondary role as a social agent, must be questioned and generated in the light of criticisms that deconstruct the current status quo and restructure society in its multiplicity, considering not only the perspective of gender, but also culture, ethnicity, religiosity, among many other social institutions. In this context, the article deals with the Greek myth of Medusa, the priestess punished for a horrendous crime, who paid with her blood the sin of being a woman.

Keywords: Medusa. Gender. Woman. Female empowerment. Stereotype.

¹ Mestre em Ciências Contábeis e Atuariais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade de Educação e Cultura Montessori (FAMEC). Licenciada em Pedagogia e em Matemática pelo Centro Universitário Claretiano de São Paulo (CEUCLAR). Especialista em Comércio Exterior pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), em Educação Especial (CEUCLAR), em Pedagogia Empresarial (CEUCLAR) e em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). É docente no Centro Universitário Claretiano e na Faculdade Fernão Dias.

Introdução

A discussão sobre gênero é, na verdade, uma discussão sobre empoderamento e não sobre diferenciação biológica, muito embora as relações de gênero sejam uma construção social baseada na representação que se faz das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Essas diferenças criaram estereótipos, definidos como próprios do masculino ou do feminino, que foram cristalizados através do tempo, perpetuados e disseminados até a atualidade e que subsidiam os comportamentos sociais, enquanto aceitáveis ou não, adequados ou não, por meio de uma situação de poder, dominação e subordinação de um sexo sobre outros.

Mas o que é poder?

Ora, poder é a centralização de forças em um determinado controlador socialmente estabelecido, através de relações mutáveis e desiguais. Conforme Foucault:

[...] poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações". (FOUCAULT, 1999, p. 89)

Historicamente, na espécie humana, o ente masculino é o controlador, enquanto o ente feminino é o controlado, estabelecendo assim a relação dominador-dominado vigente até a atualidade, que define a função adequada a cada gênero assim como as normas de conduta desejada de cada um. Foi assim tecida a naturalidade do aceite sociocultural do papel do homem e do papel da mulher no mundo.

Este empoderamento social é reforçado pelas instituições de poder, já que a função “das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas sempre foi a de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder” (SAFFIOTI, 1992, p. 188). Essas relações resultam de uma construção histórico-social e não de construções biológicas intrínsecas naturalmente.

1 Gênero

Gênero pode ser definido enquanto “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, conforme Scott (1990, p. 86). A construção do papel social pertencente a cada gênero é a forma de empoderamento encontrada pelos elementos controladores das relações, já que, ainda conforme Scott (1990, p. 86), “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Ao se empoderar um dos sexos nas relações de gênero, o outro fica excluído dos processos decisórios das forças centralizadas pelo empoderado. Ao se empoderar o homem, fica excluído o poder da mulher.

A representação do papel masculino como elemento provedor, defensor, mantenedor da ordem e perpetuador da humanidade vem sendo transmitida através do tempo e com a mesma naturalidade continua a ser transmitida, do mesmo modo que ocorre com o papel do feminino de dependência, fragilidade, submissão. O ser humano reproduz aquilo que aprende. Aquilo que reconhece como socialmente correto.

2 Sexo, sexualidade e gênero

É importante esclarecer a diferenciação entre sexo, gênero e sexualidade, pois apesar de frequentemente serem encarados como sinônimos, são três conceitos distintos e independentes. Sexo é uma classificação biológica, definido pela fusão dos gametas feminino e masculino, em que a junção cromossômica entre X (fêmea) e Y (macho) define o sexo do embrião. De um par cromossômico XX será originado um embrião feminino, enquanto de um par cromossômico XY será originado um embrião masculino.

Sexualidade é uma classificação psicológica relativa a identidade sexual² e afetividade entre as pessoas. Quando um indivíduo sente afeto e desejo sexual por outro indivíduo, de sexo biológico diferente do seu, este é definido como heterossexual (hetero = diferente), ao passo que um indivíduo que sente afeto e desejo sexual por outro indivíduo do mesmo sexo biológico é definido como homossexual (homo =

² Não será discutido neste artigo nenhuma questão relativa a identidade sexual ou classificação sexual, já que este não é o foco deste trabalho que tange a questão de gênero.

igual). Há também pessoas que nutrem afeto e desejo sexual por pessoas de ambos os sexos biológicos, os bissexuais. Gênero, por sua vez, é uma construção social resultante da representação que se faz a partir das diferenças sexuais, como já citado anteriormente. A partir dessas representações, o gênero corresponde a uma pretensa classificação que hierarquiza as diferenças. Assim, por exemplo, o comportamento social geralmente tem uma concepção bipolarizada: homem/mulher, forte/frágil, rústico/dócil, dominador/dominado.

3 Influência Cultural

Sendo a cultura a variante social de maior impacto sobre a diferença entre gêneros, é preciso, urgentemente, a desconstrução dos estereótipos de gênero tão disseminados e tidos como naturais. É importante o entendimento de que ambos, feminino e masculino, enquanto gêneros, são frutos de uma construção social, são reprodutores de um sistema de poder que prima pela manutenção da relação dominador-dominado e que a sociedade cobra o exercício de tais papéis, exigindo que cada indivíduo se atenha a uma pretensa “adequação social”, cumprindo e desempenhando a conduta desejada de cada um, o que faz com que tanto os atores sociais femininos, como os atores masculinos, sejam vítimas de tal perversão cultural.

Portanto, é imprescindível a desconstrução dos estereótipos de gêneros sociais não com a exclusão do homem do poder, mas com a inclusão da mulher neste poder. Não é possível a desconstrução da estrutura hierárquica de gênero apenas com a participação feminina. É primordial a “inclusão” e efetiva participação masculina. Na verdade, é preciso que haja a superação do modelo dicotômico feminino-masculino, homem-mulher, forte-fraco, controlador-controlado, dominador-dominado.

4 Arquétipo e estereótipo

Os arquétipos são definidos pelo inconsciente coletivo, conforme Carl Gustav Jung (2000), como um conjunto de pensamentos baseados em cargas emocionais que são herdadas universalmente e, segundo as quais, as “imagens arquetípicas são a priori

tão significativas que o homem nunca pergunta o que, a rigor, poderiam significar” (JUNG, 2000, p. 19).

Os arquétipos são características próprias que compõem cada modelo e são de extrema importância ao pensamento humano, sendo estabelecidos em todas as culturas e civilizações existentes ou passadas, como por exemplo, os arquétipos de mãe, pai, avó, marido e mulher, dentre tantos outros.

Os arquétipos não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como forças ou tendências à repetição das mesmas experiências. Cada vez que um arquétipo aparece em sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma ‘influência’ específica ou uma força que lhe confere um efeito luminoso e fascinante ou impele à ação. (JUNG, 1942, p. 109)

Estereótipo é uma percepção ou imagem pré-estabelecida sobre algo ou alguém, geralmente de forma limitante, ridicularizante ou inadequada, podendo ser classificado como preconceito. Os estereótipos são crenças socialmente difundidas de uma modelagem desejável, cuja imitação é geralmente estimulada e difundida através de figuras como a pessoa bem-sucedida, a beleza, a riqueza, o homem másculo, a mulher dócil e frágil, entre tantas outras figuras estilizadas.

Segundo Brown e Turner (2002, p. 68), os estereótipos podem ser de três tipos, sendo o primeiro tipo formado a partir da observação e reflexão de comportamentos grupais, o segundo tipo é formado a partir do desenvolvimento de expectativas e teorias sobre o comportamento social e o terceiro tipo é formado a partir da combinação entre as observações e as teorizações desenvolvidas.

5 Mito

Os mitos são narrativas, inicialmente orais, utilizadas por todas as culturas desde a Antiguidade, para explicar desde fenômenos naturais até as relações sociais estabelecidas e os fatos decorrentes destas relações, nos quais as personagens, principais ou não, são deuses e humanos³.

³ Mito e lenda não são sinônimos. As narrativas míticas têm como personagens principais os deuses e suas relações com os homens, enquanto as lendas são narrativas cujas personagens principais envolvem animais, vegetais e minerais carnalizados.

[...] o mito nos oferece, sempre aludida, a plenitude e o sentido, de modo que toda atividade humana, até os menores gestos, aparecem carregados de significação e ligados a algo enormemente importante que se apresenta atrás de cada realidade. (CENCILLO, 1970, p. 449)

Por ser uma narrativa simbólica-imagética tem associada a si a carga cultural da sociedade na qual vigora, o que faz com que haja mitos similares em diversas culturas que sequer travaram contato e conforme Gadamer (1997, p. 11), “não há cultura sem horizonte mítico [...] porque sem o mito resulta impossível compreender a complexidade do mundo contemporâneo”.

Inegavelmente os mitos possuem um caráter doutrinário muito forte, sendo utilizados enquanto ferramentas coercitivas e impositivas de temor, o que acaba sendo útil com relação à função social de explicação, organização e compensação, que são suas principais funções. Essas características facilitam e induzem certo controle social que promove o desenvolvimento da cultura em que o mito se insere, como diversos pensadores tão bem evidenciaram e fomentaram discussões, o que fez com que grandes avanços filosóficos e sociológicos fossem obtidos, como no fato de que “Nietzsche somente deu um pequeno passo adiante quando viu no mito a condição vital de qualquer cultura. Uma cultura somente podia florescer no horizonte rodeado de mito” (GADAMER, 1997, p. 16).

6 O mito de Medusa

Por ser um mito, Medusa aparece descrita de várias maneiras, através dos tempos. Para este estudo não serão consideradas informações como filiação, descendência ou quaisquer outros vínculos parentais, já que estas variáveis, dentre tantas outras, não interferem nas questões que aqui serão apontadas.

Na Grécia antiga, politeísta, havia uma quantidade muito grande de deuses e, dentre todos, destacavam-se 12 deuses irmãos que formavam o Panteão dos Deuses: Afrodite, deusa do amor; Apolo, deus do sol; Ares, deus da guerra; Artêmis, deusa da caça e dos bosques; Atena, deusa da sabedoria e das estratégias militares; Deméter, deusa da agricultura; Hades, deus dos mortos e do mundo inferior; Hefesto, deus do fogo e da metalurgia; Hera, a rainha dos deuses e esposa de Zeus; Héstia, deusa do lar;

Posseidon, deus dos mares e Zeus, o maior de todos os deuses gregos, o deus dos deuses (COULANGES, 2006).

Os deuses gregos, além de suas características divinas, assemelhavam-se aos humanos em suas virtudes, defeitos e desejos, sendo até mais irrestritos com relação a suas satisfações, já que estavam acima do bem e do mal, justamente por serem deuses. A vaidade, a ira e o orgulho eram comuns entre as divindades, assim como a rivalidade e a cobiça.

A mitologia grega estabelece uma hierarquia de seus deuses. A primeira grande divisão estava no estabelecimento do círculo dos 12 deuses do Olimpo⁴, local mítico de suas vivências, com exceção de Hades, que vivia em seu reino no mundo subterrâneo, similar ao inferno cristão, e Posseidon, que habitava os mares.

Dentre as 12 deidades máximas metade eram mulheres, mas apenas duas exerciam protetorado a afazeres não destinados ao gênero feminino: Artêmis, a deusa caçadora e a Atena, a deusa da sabedoria e astúcia militar, o que, de certa forma, evidencia a superioridade numérica do masculino.

Por serem os deuses dados a prazeres humanos, tais como sexo, bebidas e banquetes, e que para satisfação de tais prazeres achegassem-se aos humanos para suas realizações, eram comuns os relacionamentos entre deuses e humanos. Do relacionamento amoroso entre dois deuses nascia outro deus, mas como os deuses não se relacionavam apenas entre si, e quando o fruto de um relacionamento entre um deus/deusa e uma humana/humano nascia, este era um semideus, que reunia tanto características divinas, apesar de limitadas, quanto humanas (GRIMAL, 2010).

Era comum o culto de adoração aos deuses, e cada região ou cidade elegia o deus de sua preferência. O templo consagrado a um deus era mantido pelas sacerdotisas, que eram escolhidas e consagradas mediante alguns critérios, dentre eles a beleza e a virgindade, além da aprovação de seu deus de adoração. E assim foi com Medusa.

Na cidade grega de Hélade, uma das maiores cidades gregas conforme o mito, foi erigido um enorme templo a deusa Atena, e uma de suas escolhidas como sacerdotisa foi Medusa. Segundo o mito a jovem sacerdotisa possuía extrema beleza. Dona de uma pele perfeita e longos cabelos sedosos que caíam em cachos. Muitos eram

⁴ Localizado no topo do monte Olimpo na Grécia.

seus pretendentes, mas como sacerdotisa do templo de Atena, uma de suas obrigações era manter-se virgem até ser liberada para o casamento (NIZ, 2005).

Devotada a Atena e ciosa de seu sacerdócio, Medusa não se deixou seduzir por nenhum pretendente, mas isso não impediu a tragédia que a abateu. Poseidon, o deus dos mares, passou a desejar ardentemente Medusa, que não se sujeitou a satisfazer-lhe. Enraivecido, Poseidon não aceitou as negativas da sacerdotisa e, invadindo o templo, quando não havia mais ninguém além dela, a estuprou.

Uma das maiores afrontas que qualquer deus grego poderia sofrer era ter seu templo violado. O sexo não consensual sempre foi visto pelos homens, entendidos aqui como machos da espécie humana, como algo natural e até esperado por parte deles, pela sociedade; portanto, nada mais natural a um deus do que tomar à força o que lhe é de “direito” e foi negado. Nenhuma mulher poderia negar-se a um deus. Poseidon não era apenas um deus. Era um dos filhos de Cronos⁵, que junto com seus irmãos Zeus e Hades lhe tomaram o poder e dividiram o mundo para si. Poseidon era o deus dos mares, o segundo mais poderoso do Olimpo (RODRIGUES, 2005)

6.1 O julgamento de Medusa

Assim que soube da profanação de seu templo, Atena se enfureceu e puniu o culpado por tal injúria: Medusa. A devotada sacerdotisa do templo de Atena era culpada por seu estupro e deveria ser punida, castigada por seu erro. Atena enfurecida se voltou com grande ira sobre Medusa e retirou-lhe toda beleza. Sua pele, antes viçosa, foi ressecada, tornando-se escurecida e recoberta por grandes escamas. Seus cabelos longos e sedosos foram transformados em um ninho de serpentes venenosas (NIZ, 2005).

Suas pernas que antes transitavam pelo templo foram fundidas e transformadas em algo similar à parte posterior de uma cobra, condenando-a a rastejar-se sobre seu ventre até o fim de seus dias. Seus olhos, antes encantadores e vívidos não mais podiam ser mirados por nenhum humano ou qualquer outro animal, pois aquele que olhasse diretamente em seus olhos seria imediatamente petrificado. Seu sangue também foi

⁵ Conforme o mito da criação grega, Cronos era o mais poderoso titã que dominava o mundo, e após ser alertado por uma profecia sobre ter seu poder roubado por um filho, passou a engolir cada filho que nascia para que a profecia não fosse cumprida.

amaldiçoado. O sangue que corria de seu lado esquerdo tinha o poder de curar qualquer mal existente, enquanto o que corria em seu lado direito era o mais mortal veneno. Medusa foi transformada em um ser monstruoso chamado górgona. Sua beleza foi transformada em horror e a devoção sacerdotal transformada em fúria mortal (BELLINGHAM, 2002).

6.2 O destino de Medusa

À Medusa restou a solidão. Toda sua beleza foi esvaída. Todos seus pretendentes desapareceram. Poseidon sequer intercedeu por ela. Todos seus atributos femininos, antes tão desejados e disputados foram transformados em aberrações. Ela foi condenada a viver eternamente, desterrada e enviada para viver só, na ilha mais distante da Grécia.

Medusa não foi tornada imortal, mas Atena a fez sofrer por sua depravação o máximo que pode. A única forma de libertação para a antiga serva do templo era a morte; contudo, uma morte que não poderia ser causada por si. Mesmo tendo sido transformada em uma monstruosidade, Medusa voltou a ser desejada. Desta vez, não por sua beleza ou virgindade, mas por outro atributo de seu cruel destino, por seu sangue dúbio, que tinha o poder de matar e de curar (RODRIGUES, 2005).

A desgraça de Medusa tornou-se pública e sua história passou a ser contada por todo mundo grego. Da mesma maneira que sua infelicidade era conhecida, proporcionalmente, seu sangue se tornou objeto de cobiça como a arma mais poderosa e desejada por todos. O fim de Medusa foi ter sua cabeça decepada por um semideus, Perseu, filho de Zeus, que buscava a liberdade de sua mãe através da satisfação da cobiça de um rei que a mantinha encarcerada, que desejava o sangue da górgona.

Diz ainda a lenda que quando Perseu sobrevoou o Mar Vermelho com a cabeça de Medusa em uma bolsa, seu sangue salpicou as águas e coloriu os corais, dando nome ao mar. Talvez esta fosse a forma de Medusa não se fazer esquecer e de demonstrar todo seu sofrimento e amor, sentimentos tão antagônicos, mas guardados dentro de si.

6.3 Medusa e a questão feminina

A construção do feminino é um estabelecimento social com intenções de manutenção de poder, o que faz com que as normas vigentes, morais, jurídicas, sociais sejam, muitas vezes, injustas e até mesmo contraditórias, já que ferem direitos individuais e coletivos.

E quando os direitos que deveriam ser resguardados são feridos, o que fazer? Descumprir as normas? Desobedecer às leis? Esta questão que há muito assombra a dignidade humana já foi abordada diversas vezes na literatura, desde Sófocles, na Grécia antiga em sua tragédia *Antígona*; Shakespeare, no período da Renascença, através de *O Mercador de Veneza*; Rousseau em *O Contrato Social* até a contemporaneidade.

Quando a norma fere a dignidade humana, esta deve ser claramente descumprida pois passa a não possuir legitimidade. Legitimidade esta que se estabelece a partir de sua qualidade social, ou seja, de seu benefício para o coletivo, para todos e não só para alguns.

[...] governo dos homens pelos homens – quer eles formem grupos modestos ou importantes, quer se trate do poder dos homens sobre as mulheres, dos adultos sobre as crianças, de uma classe sobre uma outra, ou de uma burocracia sobre uma população – supõe uma certa forma de racionalidade, e não uma violência instrumental. (FOUCAULT, 2006, p. 385)

Muitos debates sobre as questões de gênero levam a crer na necessidade da reconstrução do feminino, mas que reconstrução é esta? Como iniciar esse processo? Como tratar a disparidade feminino/masculino? Ao universo feminino são atribuídos conceitos contrários ao masculino, como sensualidade, bondade, maternidade, caridade, paciência, delicadeza, docilidade, cordialidade, submissão.

A questão, na realidade, não é se há ou não necessidade de ser feminino, mas quem deseja o feminino? Porquê? É imperioso que esta discussão seja efetivada à luz da dialética, por meio de sua tese, antítese e síntese, pois somente através da construção de uma realidade que substitua a atual é que serão reconstruídos, não apenas o feminino, mas também o masculino.

Medusa era a síntese do feminino submisso: bela, recatada, cordata, devota e,

ao ser punida por um crime que não cometeu, lhe são impostos os piores atributos masculinos: ódio, agressividade, monstrosidade. Por qual motivo feminino e masculino devem se digladiar, infindavelmente, se, na verdade, são complementares? Se são as duas faces da mesma moeda? Serem complementares não significa, em hipótese alguma, serem dependentes; significa apenas que a soma das diferenças sempre agrega mais valor do que a subtração das igualdades.

Considerações finais

As discussões sobre gênero ainda estão longe de serem resolvidas. Não por falta de argumentos ou consenso, mas por conta de intenções de manutenção de hierarquias sociais tão fortemente estabelecidas e solidificadas. Questões relativas à detenção do poder ainda são mais importantes do que as relativas à participação de atores capacitados e plenamente desenvolvidos ao exercício de qualquer função social.

Ainda há, em pleno século XXI, a necessidade daquele que manda e daqueles que obedecem. A figura do dominador ainda é mais forte do que a do dominado. A opressão é mais eficaz quando o oprimido se conscientiza de sua inferioridade e incapacidade. As mulheres só apresentam diferenciação biológica na espécie humana, mas esta é justamente a arma utilizada para as manter à margem dos processos decisórios sociais, dos quais, apesar de serem pertencentes, são meras assistentes passivas.

Inegavelmente houve avanços com relação às discussões de gênero, mas enquanto houver necessidade de tais discussões é perceptível que não foram superados os paradigmas já tão antigos, mas ainda vigentes. A necessidade pulsante de debates faz com que episódios que ocorrem constantemente, chegando até mesmo a serem considerados corriqueiros, sejam observados por prismas diferentes.

A violência contra a mulher transcende os níveis físico, sexual e psicológico, tomando proporções bem maiores e avassaladoras. A violência não é contra a mulher apenas, é contra o humano e sua humanidade. Medusa talvez seja uma das melhores representações da distorção do feminino. Da punição de uma vítima que errou por não possuir o gene correto. Da condenada por um crime cometido por outro mais poderoso e

menos vulnerável.

Referências

- BELLINGHAM, David. **Introdução à mitologia grega**. Lisboa: Estampa, 2002.
- BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. The role of theories in the formation os stereotype content. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y.; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- CENCILLO, L. **Mito**: Semántica y realidad. Madrid, 1970.
- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GADAMER, Hans-Georg. **Mito y Razón**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.
- GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- JUNG, C. G. **O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1942.
- _____. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NIZ, Xavier. **Medusa**. Minnesota: Capstone press, 2005.
- RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. **Explicar o inexplicável: interpretando Medusa**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.
- SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- _____. Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade. **Revista Lutas Sociais**, nº 2, São Paulo, 1997.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1990.

Recebido em 10/11/2016

Aceito em 10/01/2017